



Liberdade mascarada: A repressão sexual nos dias atuais¹

Vanessa CASTRO²

Maurício CALEIRO³

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

O artigo a seguir abordará o tema liberdade sexual dentro da sociedade contemporânea, desmistificando a sua existência. As argumentações expostas são baseadas nos textos do filósofo francês Michel Foucault, “Não ao sexo rei”, e “Sobre a história da sexualidade”, presentes no livro “Micro física do poder”, no qual ele interpreta o modo como a sociedade tem lidado com a sexualidade ao longo da história humana.

PALAVRAS-CHAVE: repressão; liberdade; sexualidade; sociedade.

Introdução

A sexualidade sempre foi tabu no meio social. Segundo Michel Foucault, falar sobre isso exigia mais cuidado há alguns séculos do que hoje:

No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este *status* e deverá pagar as sanções. (FOUCAULT, 1999, p. 10).

Isso por que, desde que movimentos de liberação sexual como o feminismo e a luta dos homossexuais se tornaram mais fortes, seus discursos estiveram ligados em parte à sexualidade e sua liberação, colocando em pauta o sexo, considerado até então um discurso imoral. As mulheres, até a década de 1960, (época em que eclodiram as lutas por direitos civis nos Estados Unidos e em diversos países) eram o símbolo da moral de toda uma sociedade em que vigorava o puritanismo, a repressão intelectual e sexual. De

¹Trabalho apresentado no IJ – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013 no XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região

²Estudante do Curso de Jornalismo da UFV, MG, email: vanessa.cassia@ufv.br

³Orientador do artigo, doutor em Comunicação e mestre em Comunicação, email: mauricio_m_caleiro@yahoo.com.br



outro lado, os homossexuais eram majoritariamente vistos como criminosos e transgressores, como exemplo o escritor Oscar Wilde, que em Maio de 1895 foi julgado e condenado a dois anos de prisão, por "cometer atos imorais com diversos rapazes". Mas, o que vemos hoje nos meios de comunicação, pode-se chamar literalmente de uma libertação?

Daí decorre também o fato de que o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas. Que caminhos lhe permitem atingir as formas raras ou quase imperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano – tudo isso com efeitos que podem ser de recusa, bloqueio, desqualificação mas, também, de incitação, de intensificação, em suma às “técnicas poliformas do poder”. Daí, enfim, o fato de o ponto importante não ser determinar se essas produções discursivas e esses efeitos de poder levam a formular a verdade do sexo ou, ao contrário, mentiras destinadas a ocultá-lo, mas revelar a “vontade de saber” que lhe serve ao mesmo tempo de suporte e instrumento. (FOUCAULT, 1999, p. 16)

A proposta deste artigo é comprovar essa repressão não só por meio dos textos de Foucault, mas por intermédio da análise de produtos midiáticos como a revista feminina “Nova”, programas televisivos e filmes como o estadunidense “*American Pie*”, trazendo referências de uma repressão sexual disfarçada de liberdade que ainda permeia nossos dias.

A sexualidade na história

Sexualmente falando, a história é repressora. E a comprovação, pela análise, desta história, para Foucault, parte do cristianismo quando a sexualidade era um discurso velado, imoral e pecaminoso. Falava-se. No entanto, falava-se encobrendo seu verdadeiro discurso, que no fim das contas se revelava como uma repressão a esta sexualidade. Segundo o autor, as técnicas da confissão eram empregadas coercitivamente ao indivíduo, obrigando-o a falar sobre seu sexo, suas dificuldades, sobre o que lhe afligia em relação ao isso, de forma a levar este indivíduo a uma produção de discursos e verdades sobre si mesmo. “[...] Por confissão entendo todos estes procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito.”

A sexualidade era confessada, no entanto, para ser reprimida, o que Foucault apresenta como “produção de verdades”. Essa verdade produzida se torna parte do sujeito, e



principalmente da esfera social, atribuindo valores, conceitos reais, verdadeiros, que geraram segundo o autor, uma repressão sexual no Ocidente. Métodos científicos incorporados para exploração desses discursos que envolviam especialistas, médicos, psicólogos, levariam as pessoas à revelação de suas misérias sexuais, e exposição de suas frustrações levariam o indivíduo a sua libertação, o que para Foucault, isto toma o sentido de poder e controle sobre tal. No entanto, ao dizer isso, pode-se empreender que, tanto a liberação sexual de que ele trata, que, aliás, não explora profundamente, ficando apenas a idéia dessa transposição, quanto a própria repressão estão intimamente ligadas e quase não se pode perceber a diferença entre uma e outra. Mas a questão levantada por ele é justamente que a repressão sexual como dominação e sua “produção de verdades” levou a uma aceitação e incorporação desses discursos de si mesmos daqueles grupos que o autor qualifica como minoritários e mais oprimidos, ou seja, as mulheres e os homossexuais. Pois segundo Foucault “os movimentos ditos de liberação sexual devem ser compreendidos como movimentos de afirmação ‘a partir’ da sexualidade.”

Assumiram então as verdades produzidas sobre eles. Às mulheres como sexo frágil e inferior, reduzidas a apenas “sexo”, e do outro lado com os homossexuais, “percebidos como libertinos e às vezes como delinquentes”, e foram atrás da sua libertação. O porém do autor é que, está liberação ainda está originalmente ligada a questão sexual, o que no entanto só dura um certo momento, ultrapassando a barreira desse dispositivo sexual. Chegando nesse ponto, no entanto, não infere como tal passagem seria realizada.

A sexualidade na mídia contemporânea

O que é dito por Foucault em relação à liberação sexual parece ver-se hoje no seu apogeu. Revistas, novelas, programas de TV, músicas, livros e conversas cotidianas não fazem mais questão de fugir do tema como já foi exposto. No entanto, nesta onda da globalização, da sociedade moderna que, pelo menos aparentemente, abandonou as velhas ditaduras, com o advento de idéias de liberdade, se olhadas por outro ângulo, mais profundamente, poderá se perceber algo por trás de tanta “sexualização” que em vez de criar a liberdade, impõe novas ditaduras.

A liberdade sexual que tomou corpo e se fortaleceu no nosso meio tem feito um papel contrário ao que se poderia pensar. Tanta informação trás à tona constantemente uma necessidade quase exagerada de se discutir, de se falar sobre sexo, sobre frustrações, experiências, anseios, que nos fazem refletir e perceber uma volta ao que Foucault

criticava em relação às confissões e aos médicos e especialistas que recomendavam a exposição das sexualidades como meio de liberação. Mas acaba-se voltando à questão da repressão, que não mais velada agora, fala-se e se produz discursos o tempo todo, exprimindo uma sexualidade extremamente estimulada de forma que isso se torna maçante e desgastante para os indivíduos.

Vejo, sobretudo o duplo reconhecimento do fato de que, formulada e proibida, dita e interdita, a sexualidade é um comutador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar. Temos, temos o socialismo de aspecto sexual. (FOUCAULT, 1998, p.236)

Quando falo sobre a repressão estimulada de forma repressiva, analiso a forma com que a sexualidade é apresentada a nós nos veículos de comunicação. Apesar de tanta liberdade, o lado sexual é extremamente exigido de nós de forma que estamos sujeitos a ele, seja em músicas que a incitam como algo norteador da vida cotidiana, novelas ou programas de Tv ensinando sobre uma sexualidade correta, filmes que desnudam o drama sobre a questão sexual, focando principalmente nos jovens, como a perda da virgindade, o primeiro beijo, relacionamentos sérios ou apenas de uma noite só. E também as revistas femininas têm dedicado editoriais para falar somente sobre esse assunto: sexo.

A revista feminina “Nova”, tomada como exemplo, segue essa linha. Com um conteúdo propositalmente erótico, ela apresenta desde curiosidades variadas sobre sexo, orgasmo, posições sexuais, novidades dos mercados de *sex shop*, além de ensinamentos do *kama sutra*, contos eróticos e comportamento nos relacionamentos. Ao mesmo tempo em que se mistura a vários outros temas que se empregam para falar sobre a vida de uma mulher moderna, como: trabalho, família, moda, saúde e beleza.



O problema se apresenta quando sugestivamente a revista faz parecer que, pelo menos nas questões de relacionamento, há sempre que existir o sexo, e a parte crucial de tudo isso, é que ele precisa ser vivido intensamente, todos os dias, e de uma forma muito excitante para ambos. A sexualidade de tal forma é imposta a mulher, ou a quem lê, de



forma opressiva, que é quase uma obrigação. O público é convidado a viver uma sexualidade, que muitas vezes pode estar fora de alcance. Isso pode levar não ao que se esperava que fosse, o aumento do prazer, da melhora dos relacionamentos, mas a uma falta disso. O que poderia ser vivido livremente como se pensa, o sexo se tornou uma imposição, em que homens e mulheres têm que ser “bons de cama” e algo que tem que ser aprendido, ensinado, vivido, experimentado, e o mais interessante: cada vez mais cedo.

Paranóia sexual

Os produtos midiáticos hoje, voltados para um público mais jovem, se mostram tematicamente cada dia mais erotizados. É só lembrar, principalmente dos programas de TV voltados para a linha de entretenimento jovem, como *Pânico na TV* da emissora Redetv, o programa *Altas Horas* do canal Globo, que reserva um quadro especial de bate papo com uma sexóloga, *Rebelde* exibido na Rede Record de televisão, *Malhação* também do canal Globo, são exemplos de mídias de massa que atingem boa parcela dos jovens, e que tratam com eles quase que exclusivamente sobre sexualidade e relacionamentos. Ao mesmo tempo em que parecem querer abordar o tema de forma suave e educativa, no sentido de querer mostrar a sexualidade como algo natural e livre, trás consigo discursos e verdades produzidas que começam a permear a vida dos jovens. Os próprios programas citados levam questões aos jovens que na prática social nem deveriam se tornar tão relevantes quanto se mostra, mas que acabam sendo uma verdadeira “tortura” para eles, como por exemplo, o grande *tabu* da perda da virgindade. Outro exemplo de como a erotização da juventude tem se tornado cada vez mais apelativa é o filme norte americano “*American Pie*”, que engloba toda uma tendência de frustrações, desejos de aceitação que norteiam a vida dos jovens baseadas apenas na sua sexualidade. Amigos de escola que necessariamente “precisam” perder a virgindade, não por que já se sentem a vontade em fazê-lo, mas por que é “recomendável” para si e para os outros. Tudo isso, por que se sujeitam a convenções ainda, que “obrigam” a esse exercício do sexo.

Quando na pré-adolescência, com seus 12, 13 anos, podendo até ser mais cedo, o jovem que já começa a desejar a aceitação de si em relação aos outros, que começa a se conhecer sexualmente, além de se sentir coagido pela sociedade em relação ao seu sexo, a mídia toma esse papel também para si. O que acontece é que ele simplesmente projeta



suas ações em resposta a uma repressão do que seria aceitável. Por exemplo, até antes de ter seu primeiro beijo, sempre vai ter alguém que vai o encorajar, que vai estimulá-lo a ter essa experiência. Por que é necessário, ou as pessoas o fizeram necessário. Encorajado a dar seu primeiro beijo, que não envolve apenas o ato do beijo, mas toda uma dinâmica de encorajar-se a dar seus primeiros passos sobre questões de lida com o sexo oposto, ou com quem ele terá a experiência. Depois de vencida essa “barreira”, logo o mesmo jovem se depara com a sua virgindade, que também, de todos os lados se sente coagido e encorajado a vencê-la.

De certa forma, assim como Foucault já havia teorizado, partindo do dispositivo da sexualidade, essa liberdade mascarada em algum momento se transformaria em algo totalmente contrário ao que a criou. Se ela partiu então da própria sexualidade, ela mais tarde se transformaria em um discurso “anti-sexo”.

Está se esboçando atualmente um movimento que me parece estar indo contra a corrente do “sempre mais sexo”, do “sempre mais verdade no sexo” que existe há séculos: trata-se, não digo de “redescobrir”, mas de fabricar outras formas de prazer, de relações, de coexistências, de laços, de amores, de intensidades. Tenho a impressão de escutar atualmente um sussurro “anti-sexo” (não sou profeta, no máximo diagnosticador), como se um esforço em profundidade estivesse sendo feito para sacudir esta grande “sexografia” que faz com que decifremos o sexo como se fosse segredo universal. (FOUCAULT, 1998, p.236)

A mídia que bombardeia constantemente informações, e a exploração exacerbada do sexo, tendenciosamente crescente, consegue-se enxergar no meio de toda essa erotização, movimentos jovens que partem para outro lado. Voltando-se para “velhas” concepções, eles retomam uma “romantização” em seus relacionamentos, buscando o sexo apenas no amor entre os parceiros, e se afastando de toda a imagem que hoje foi criada do sexo livre e sem regras. Discute-se em relação a esse limite, mas que pode ser visto como essencialmente retrógrado, já que a liberação sexual é vista como uma conquista da sociedade moderna. Cenas de sexo que só passariam na novela das 21 horas ou até mais tarde, podem ser vistas ainda às 19 horas. Ou seja, parte-se então para uma discussão, sobre o que Foucault chamou de “sexografia”, em que se desvela esse segredo universal que é o sexo. Será que somos apenas isso?



A sexualidade da mulher na sociedade

O que se disse sobre as mulheres durante muitos anos foi que elas eram “apenas seu sexo”. No século XVIII, essa idéia de inferiorização da mulher, como uma invejosa do homem, dotadas de uma sexualidade devastadora que deveria ser controlada, levando a mulher a um patamar de doente e indutora de doença, criava o discurso de que, a mulher dentro dessa sociedade só poderia ocupar seus papéis “naturais” que a identificavam como mãe e esposa, e só.

No sentido da “volta por cima”, as mulheres assumiram sua verdade, para a partir dela, extrapolarem todo o conceito mínimo a que foram colocadas. Através do que foram classificadas como apenas peças sexuais, vieram a assumir essa sexualidade de tal forma independente e forte, que alcançaram hoje outros níveis de conquistas: na política, economia, culturalmente, no mercado de trabalho, etc. Foucault afirma ser este o ponto chave dos movimentos feministas que surgiram no século XIX, elas terem partido da sua própria repressão para a sua liberação:

Pra chegar a que? Afinal de contas, a uma verdadeira dessexualização... A um deslocamento em relação a centralização sexual do problema, para reivindicar formas de cultura, de discurso, de linguagem, etc., que são não mais esta espécie de determinação e de fixação a seu sexo que de certa forma elas tiveram politicamente que aceitar que se fazer ouvir. O que há de criativo e interessante nos movimentos das mulheres é precisamente isso. (FOUCAULT, 1998, p. 268)

Fato que as mulheres conseguiram seu espaço hoje, num mundo em que somente os homens viviam. Elas ocupam cargos importantes em empresas, vagas em universidades, eventos culturais, discutem política e participam dela, tanto quanto eles. Tamanha projeção social, fruto apenas de uma “contra-verdade” em relação ao seu sexo, assumido como próprio de si, ainda assim, as mulheres são encaradas como o que um dia já foi dito, “apenas seu sexo”.

Quando voltamos aos conteúdos midiáticos, a mulher é sempre muito visada. sempre mais para o lado sexual. O ser independente e livre que se tornou, acabou na sociedade moderna hoje se reafirmando como “apenas sexo”. Basta vermos as capas das revistas femininas, exibindo constantemente uma imagem de mulher perfeita, magra, bonita sempre. A luta pela sua liberação a fez igualmente presa dentro de perspectivas sociais de que uma mulher, então independente e livre, deve ser sempre uma mulher bem



sucedida, sempre em forma, sempre alegre, saudável, e várias outras sujeições repressivas em relação à estética e saúde.

Basta saber que o Brasil é o segundo país do mundo que mais gasta em cirurgias plásticas, e saber que quanto maior a renda da mulher, mais ela gasta com tratamentos de beleza e aparência. Ou seja, o movimento de afirmação dessa sexualidade, as tornou livres por um lado, mas por outro, os mecanismos de repressão se tornaram outros. Do casamento que prendia a mulher em casa, hoje seu algoz é sua própria aparência, constantemente alimentado pela mídia como algo extremamente necessário para uma mulher que quer ser vista como moderna e singular.

Existe ainda outro lado que, apesar de nesta era moderna em que homens e mulheres dividem os mesmos espaços e trabalham da mesma forma, ainda podem se perceber resquícios de moralidade no meio feminino. Analisando o Programa *Papo Calcinha*, que é exibido no canal de TV paga *Multishow*, reúne mulheres de diferentes profissões e pensamentos para discutir sobre sexo. Nada sobre relacionamentos, casamento, família, em que originalmente elas estão acostumadas a serem colocadas. Neste papo só entre mulheres, elas conversam sobre suas experiências sexuais, afetivas, que já tiveram ou mantêm. Papos que vão desde: posições na cama que elas mais gostam, filmes pornô, orgasmos, etc., transparecem ao público uma sexualidade exercitada abertamente, sem preconceitos, principalmente quando uma das apresentadoras é bissexual, e também conta de suas experiências com outras garotas.

Mas, é na leitura dos comentários deixados pelos que assistiram os vídeos do programa, no canal *YouTube*, que se percebe o grande preconceito que ainda se tem em ver mulheres falarem sobre sexo. São muitos que elogiam, mas também são muitos que se escandalizam, postando comentários preconceituosos em relação às apresentadoras, chamando-as de “vadias”, e palavreados como se as comparassem a prostitutas. E o mais incrível: muitos comentários são de pessoas jovens, que já nasceram dentro desse contexto e de certa forma convivem com esses discursos liberalistas.

A questão dos homossexuais

Foucault afirma que os movimentos de liberação sexual na história, exemplificados pelas mulheres e homossexuais, mesmo partindo do mesmo princípio de assumir suas verdades, eles tomaram rumos diferentes, com ideais diferentes.



No caso das mulheres, o movimento feminista mais do que assumirem-se como “sexo”, e lutarem pela sua liberdade nesse sentido, elas foram para mais além de quererem apenas isso. O feminismo agregou o desejo de igualdade política e econômica ao seu movimento, enquanto que o movimento homossexual ficou apenas na questão sexual. O autor diz, “As mulheres podem ter objetivos econômicos, políticos, etc., muitos mais amplos que os homossexuais.”

O homossexualismo já é visto pela sociedade de forma menos repreensiva, apesar de ainda preservar resquícios de preconceito, eles já foram muito além do que inicialmente se propuseram. A aprovação da união civil entre pessoas do mesmo sexo, a abertura do mercado de trabalho, são exemplos de conquistas que os homossexuais têm conseguido, assim como a luta feminista.

Mas, como já foi discutido no item anterior, apesar da luta feminina hoje esbarrar numa nova forma de discurso repressivo, a luta homossexual tem conquistado seu espaço pouco a pouco, mas se prende ainda a questão sexual. Não por um novo dispositivo social de sexualização, mas vem ainda de uma necessidade de afirmação dessa sexualidade que antes e, até hoje, ainda é vista como irregular, fora do padrão social aceitável. Vide os discursos que emergem dos meios religiosos que vão diretamente contra a união homossexual, reafirmando os padrões tradicionais da família como pilar central que sustenta a sociedade. As paradas gays, movimentos culturais e sociais referentes a esse público crescem a cada dia, se espalhando dos centros urbanos maiores até os menores.

A necessidade então de se expor essa sexualidade, está ligada não a uma volta a repressão, por que eles desde sempre já estiveram nela, e até agora não encontraram a liberação “total” de que Foucault fala.

Conclusão

Todos os temas abordados neste artigo, sobre as mídias disseminadoras de padrão comportamentais, como exemplo as revistas femininas, programas de TV e os filmes exercem um novo tipo de repressão sexual mascarada de liberdade. Os jovens são constantemente estimulados a exercer sua sexualidade, as mulheres são reprimidas não agora por médicos, padres, mas pelos discursos de beleza, e os homossexuais na sua luta por reconhecimento e contra a negação de sua sexualidade, apesar de ter se focado



inicialmente apenas na liberdade sexual conquistaram e avançaram muito em questões igualitárias de direito.

Foucault vê isso como uma repressão sexual que parte para uma liberação. E que apesar de muitos interpretarem de modo simplista, como se o autor colocasse os dois extremos “no mesmo saco”, ele explica a liberação partindo do mesmo princípio que a originou, que é a sexualidade, mas que logo a abandona e toma outros rumos. O porém de tudo isso é que, os passos que demos para a liberação não se firmou totalmente, já que hoje os mecanismos de repressão se fazem apelativos a sensibilidade e a aceitação humana que a mídia projeta tão bem sobre nós, estimulando incansavelmente algo que deveria ser vivido e sentido de forma livre, autônoma, sem tantos padrões de consumo. E esse consumo exagerado do sexo é que tem sido a forma repressora a que ficamos submetidos, a convenções de como fazer, o que fazer momento, escolhas, certo e errado. Cria-se discursos e verdades que ainda aceitamos e assumimos de forma a achar que se vive uma liberdade.

REFERÊNCIAS

BARROS, Danielle Pinto Marques. **A bissexualidade feminina: Da discriminação ao processo de aceitação social.** 2008. Monografia. (graduação)- Centro Universitário Hermínio da Silveira (Uni-IBMR). Rio de Janeiro, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

NUNES, Silvia Alexim. **De menina a mulher, impasses da feminilidade na cultura contemporânea.** Revista Filosofia Capital. Rio de Janeiro, vol 3, Ed.6, pag 44-54, 2008.

RIBEIRO, M.O. **A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem.** Rev.Esc.Enf.USP, v.33, n. 4, p. 358-63, dez. 1999.

PEREIRA, Maria Raquel Fernandes. **A mulher na sociedade vitoriana.** Web artigos. Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/a-mulher-na-sociedade-vitoriana/52298/>>. Acesso em: 17 de maio de 2013.

